

**O retorno do estrangeiro para a “casa”: uma leitura de
How the García Girls Lost their Accents, de Julia Alvarez**

Priscila Campello

Uma das principais questões com a qual o exilado precisa lidar é a do retorno àquele lugar a que ele um dia chamou de “lar”. Se, por um lado, a volta à sua terra natal pode significar um reencontro com o seu passado, suas origens, raízes e família, por outro, ele próprio já não é mais o mesmo indivíduo que havia deixado esse lugar, sendo, portanto, também um “estrangeiro”, conforme conceituação de Julia Kristeva. Ele não apenas passa a apresentar marcas peculiares ao sujeito que vivenciou experiências como o outro no país que o acolheu, como também não se sente totalmente à vontade no seu local de origem. Ao longo do romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez, percebe-se a busca incessante de Yolanda e suas irmãs por identidade, assim como a constante tentativa de descobrir o lugar onde seja possível se sentir em casa, onde tudo seja familiar. Neste trabalho, pretendo mostrar como a família García lida com esse sentimento de deslocamento e não-pertencimento a nenhum dos dois lugares. Focalizo particularmente a personagem de Yolanda, que, ao retornar à República Dominicana, personifica esse sujeito “buscante”, situado em um espaço fronteiro, em um entrelugar.

Para Julia Alvarez (1999, p. 214), o imigrante é aquele que “[...] se sente constantemente tentado a dar uma olhada para trás para ver o que deixou”¹. Pode-se dizer que o imigrante está em incessante busca pelo “paraíso perdido”, por algo que ele acredita ter-se perdido ou ficado para trás com o deslocamento e que não será mais recuperado. Ele passa a cultivar um vazio imaginário e insubstituível e, de certa forma, despreza os possíveis ganhos que o exílio pode proporcionar. Esse “paraíso perdido” é uma criação estratégica do imigrante. Ou seja, a idealização de que partira de um lugar “paradisíaco”

serve como instrumento de conforto, esperança e preenchimento de uma lacuna, contribuindo assim para que ele não desfaça os elos com o passado, como também não se apegue ou se comprometa demais com o lugar onde se encontra no presente.

É pertinente aqui lembrar a assertiva de Edward Said (2003, p. 46): “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”. Muitos exilados não se desligam de seu país de origem e tentam viver no exílio uma vida bastante similar à que tinham anteriormente. Eles se fecham ao novo, procurando interagir apenas com aquelas pessoas que passaram pela mesma experiência e estão na mesma condição, recusando-se até, muitas vezes, a aprender o idioma do país hospedeiro. Em outras palavras, há o deslocamento físico, geográfico, mas não se desencadeia nesses sujeitos uma atualização mental e sentimental. A tentativa de perpetuar o passado, continuar com os mesmos velhos costumes e manter o vínculo com as raízes colabora, conseqüentemente, para a formação de guetos étnicos.

Se, para muitos, a experiência no exílio é bastante complexa e dolorosa, para aqueles que têm a possibilidade de regressar à terra de origem, essa volta pode ser penosa e inusitada também. O regresso implica a diferença entre aquele que foi e o que retorna, agora, mais crítico, mais perspicaz, mas também curiosamente mais patriota. Esse patriotismo ganha maiores proporções devido à visão romantizada e idealizada que, à distância, o exilado passa a ter de sua terra natal. O indivíduo precisa aprender a lidar com esses sentimentos contraditórios e simultâneos. Na visão de Stuart Hall (2003, p. 27):

Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se

felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente.

Portanto, ao voltar ao país de origem, o indivíduo deverá lidar com uma realidade diferente. Já que sua visão não será mais a mesma, em sua própria terra, ele também estará à margem, como argumenta Julia Kristeva (1994, p. 27):

Todo nativo sente-se mais ou menos “estrangeiro” em seu “próprio” lugar e esse valor metafórico do termo “estrangeiro” primeiramente conduz o cidadão a um embaraço referente à sua identidade sexual, nacional, política, profissional. Em seguida, empurra-o para uma identificação, certamente casual, mas não menos intensa — com o outro. [...] Assim, estabelece-se entre os novos “senhores” e os novos “escravos” uma cumplicidade secreta, [...] mas cava uma suspeita, sobretudo no nativo: será que estou realmente em casa? Será que sou eu ou serão *eles* senhores do “futuro”?

Ao voltar ao lugar de origem, o imigrante busca descobrir onde ele próprio se enquadra e onde fica o seu lar. Porém percebe que esse lugar que ele gostaria de chamar de “lar” é muito mais complexo do que meramente o reconhecimento de uma localização geográfica e física. O retorno, desse modo, implica um posicionamento cercado por incertezas e questionamentos. Não há uma identificação imediata, como se havia esperado, gerando nesse indivíduo uma necessidade constante de ir e vir. A própria Julia Alvarez atesta essa premissa ao explicar a composição de seu romance: “Decidi que não queria um *Bildungsroman* [romance de formação] tradicional, com o avanço do tempo e o crescimento do personagem. Eu queria que o leitor pensasse como um imigrante, retornando eternamente”² (citada por LYONS, 1998, p. 132, grifo do autor). Assim, com a autoridade de uma imigrante que frequentemente faz esse caminho de volta, Alvarez reconhece que o voltar é um movimento permanente e insolúvel. Essa fala de Alvarez

remete também à própria estrutura do texto: fragmentado e desconexo. A ordem dos capítulos retrata essa constante “volta” ao tempo, ora passado nos Estados Unidos, ora na República Dominicana. O texto apresenta uma estrutura que não obedece a uma seqüência cronológica, lógica, linear, sendo assim um reflexo da memória do imigrante, que oscila entre o lugar de origem e o exílio.

O romance *García Girls*, de Julia Alvarez, enfatiza três momentos da vida da família García: os anos pré-mudança para os Estados Unidos, a vida no exílio e as visitas à República Dominicana. Nas passagens que narram as experiências no exílio, destacam-se o tratamento recebido ali, ao serem vistos como forasteiros ou “spics” (termo pejorativo comumente utilizado para se referir aos imigrantes latino-americanos e seus descendentes) tanto pelos vizinhos quanto pelos colegas de escola, por exemplo, como também a percepção que se tem deles e o sentimento que os acomete de serem “diferentes” ao retornarem à República Dominicana. O sentimento de deslocamento e não-pertencimento passa a ser bilateral, já que ocorre nos dois lugares.

No primeiro e talvez mais simbólico capítulo do romance, “Antojos” [O desejo], narra-se a visita de Yolanda já adulta à República Dominicana após cinco anos longe de lá. Logo nos primeiros parágrafos, há uma passagem em que a personagem sopra as velas de um bolo e faz um pedido.

Ela inclina-se para frente e fecha os olhos. Há tanta coisa que ela quer, que é difícil definir um único desejo. Houve muitas paradas no caminho nos últimos vinte e nove anos desde que sua família deixou essa ilha para trás. Ela e suas irmãs levaram vidas tão turbulentas — tantos maridos, casas, trabalhos, caminhos errados. Mas olhe para suas primas, mulheres com famílias e autoridade em suas vozes. Permita que essa seja sua casa³ (ALVAREZ, 1992, p. 11).

Esse pedido de Yolanda traduz a esperança que ela deposita na visita à terra natal. Ela espera encontrar ali o “paraíso” que perdeu ao se tornar uma imigrante, o “lar” que tampouco encontrou no exílio, como ela mesma percebe mais adiante, “em pé aqui sozinha, ela acredita que nunca se sentiu em casa nos Estados Unidos, nunca”⁴ (ALVAREZ, 1992, p. 12). Além disso, ela parece sentir que, na ilha, poderá levar uma vida normal, menos “turbulenta” e, como suas primas, ter “autoridade em sua voz”, encontrando sentido e direção para sua vida. Para Yolanda, suas primas aparentemente representavam o protótipo das mulheres perfeitas, já que eram casadas, tinham famílias e levavam uma vida bastante pacata no mesmo lugar em que sempre viveram. No entanto, vale lembrar que, diferentemente das irmãs García, as primas não precisaram sair às pressas da República Dominicana, não foram desafiadas por uma língua estrangeira, por costumes diferentes, por situações desconhecidas e desconfortáveis, daí a impressão de que são “perfeitas”, de que não têm problemas e, devido a isso, puderam constituir suas respectivas famílias, fato que não se deu com Yolanda.

Considerando essa sucessão de incidentes e desencontros, Yolanda personifica esse sujeito “buscante”, situado em um entrelugar, fronteiro, também ao regressar à ilha e acreditar que poderá recuperar sua identidade dominicana, seu passado, sua pátria. Seu desejo descontrolado de comer goiabas (como demonstrado nos trechos: “Mal posso esperar para comer goiabas”,⁵ “Parece haver uma fartura [de frutas] aqui para comer – exceto goiabas”,⁶ “Nenhuma *dominicana* com carro estaria na rua a esta hora pegando *goiabas*”⁷ (ALVAREZ, 1992, p. 22, grifo do autor)) metaforicamente representa o próprio desejo seu, de suas irmãs e de todos os exilados de encontrar sua identidade e descobrir

onde seu lar se localiza, o lugar onde seja possível se sentir em casa, onde tudo seja mais familiar.

Nesse mesmo capítulo, encontra-se uma Yolanda que também não se apresenta como uma dominicana nem parece entender a dinâmica local. Yolanda logo manifesta o desejo de viajar de carro sozinha pelo país, contrariando as recomendações das tias, que desaprovam tal possibilidade: “‘Aqui não é os Estados Unidos,’ diz Tia Flor, com um sorriso astuto. ‘Uma mulher simplesmente não viaja sozinha nesse país. Especialmente nos dias de hoje.’”⁸ (ALVAREZ, 1992, p. 9). Se, por um lado, tem-se a família que trata Yolanda como uma menina indefesa, desprotegida e despreparada — tratamento comum dispensado às mulheres nos países latino-americanos — por outro, tem-se uma Yolanda que passou a maior parte de sua vida imersa em uma cultura em que as mulheres são incentivadas a serem independentes desde cedo e a exercerem os mesmos papéis que os homens. Essa Yolanda “americanizada” não enxerga as limitações culturais impostas às mulheres latino-americanas e, tampouco, os parentes na República Dominicana reconhecem a possibilidade de Yolanda não ser como elas. Daí esse tratamento de infantilização e controle. Segundo Ibis Gómez-Vega (1999, p. 96, grifo do autor), “[...] a *dominicana* retornanda⁹ está quebrando as tradições culturais dominicanas ao se comportar como uma *americana*, e é aí onde o deslocamento de Yolanda novamente torna-se evidente”¹⁰.

Durante essa curta viagem pelo interior do país para encontrar as tão desejadas goiabas, Yolanda depara-se com um pneu furado e com a aproximação de dois trabalhadores rurais (*campesinos*) que querem ajudá-la. Ao se ver diante desses homens, potencialmente ameaçadores, conforme ela descreve um deles: “Em qualquer outro lugar,

Yolanda acharia-o extremamente atraente, mas aqui em uma estrada isolada, com o céu escurecendo a cada segundo, sua boa aparência parece perigosa, um chamariz para pegá-la descuidada”¹¹ (ALVAREZ, 1992, p. 20), Yolanda, inesperadamente, posiciona-se como uma americana:

O homem mais escuro aperta seus olhos e estuda Yolanda por um momento. “*Americana?*” ele lhe pergunta, como se não tivesse certeza de como lidar com ela?

Ela estava muito apavorada para levar adiante qualquer estratégia, mas agora um caminho abre-se diante dela. Ela fecha suas mãos sobre o peito — ela consegue ouvir o batido do seu coração — e acena com a cabeça. Então, como se por sua própria permissão sua língua se soltasse, ela começa a falar poucas palavras em inglês, no início de desculpas e, logo, um grande fluxo de explicações [...] (ALVAREZ, 1992, p. 20, grifo do autor).¹²

Essa reação de Yolanda, de se apresentar como uma estrangeira, marcadamente uma americana, demonstra dois aspectos significativos de sua condição: primeiro, a necessidade de se colocar em uma posição privilegiada e superior, ou seja, como uma estrangeira, era compreensível que não soubesse como agir em determinada situação, e ser uma americana conferia a ela mais poder, afinal os Estados Unidos eram o país dominante e, durante os anos no exílio, ela havia aprendido que “todas as coisas ‘americanas’ eram melhores do que qualquer coisa dominicana”¹³ (GÓMEZ-VEGA, 1999, p. 94). Segundo, ao não reconhecer aqueles homens como trabalhadores (qualquer dominicano reconheceria isso imediatamente através das roupas que eles vestiam, das ferramentas que carregavam e do corpo suado depois de um longo dia de trabalho) que estavam apenas sendo gentis ao se prontificarem para ajudá-la, ela enfatiza as diferenças de classe daquela sociedade e a própria condição de sua família. Percebe-se, pois, que não há muita interação entre a elite

dominicana e os campesinos. Gómez-Vega (1999, p. 94) conclui que “ela não é apenas alguém que está retornando para casa após um longo exílio, mas é também uma mulher dominicana de classe alta, cujo dinheiro familiar protege-lhe de se encontrar com os pobres trabalhadores de seu país. Para ela, esses trabalhadores são muito diferentes para não parecerem perigosos”¹⁴.

Através das passagens descritas acima, observa-se a dificuldade de Yolanda de apontar o seu lar como um lugar único, a República Dominicana ou os Estados Unidos. Há lares, há lugares de encontro desse lugar imaginário. Pode-se afirmar que para cada experiência, para cada momento, um lugar físico é denominado de lar. Mas se pode ir mais além e acrescentar que, para o sujeito híbrido, o lar encontra-se no local do afeto e não no lugar geográfico em que se nasceu ou em que se reside. Em outras palavras, Yolanda procura em seu país de origem a resposta para a sua busca, porém fica visível que ali ela também é uma estrangeira, ela também não se enquadra. Pode-se concluir, a partir dessa constatação, que se sentir em casa passa antes por um estado de espírito, não se relacionando diretamente, como seria de se esperar, ao espaço físico.

A busca pelo “lar” e o sentimento de não-pertencimento abrangem outros membros da família García. Logo no primeiro ano no exílio, percebe-se a necessidade de que a volta seja o reencontro com o algo perdido, com as soluções e respostas para as angústias, dúvidas, medos e tantos outros sentimentos que surgem quando o indivíduo se encontra distante do que lhe é familiar e que lhe transmite segurança. Nos primeiros parágrafos do capítulo, “Trespass” [Ofensa], a família está reunida para celebrar um ano de mudança para os Estados Unidos. Todos os seus membros — os pais e as quatro filhas — comemoram a data com um jantar familiar. Como de costume em aniversários, eles sopram

as velas do bolo e todos têm que fazer um pedido. Carla se pergunta:

O que você deseja na primeira celebração do dia em que você perdeu tudo? [...] Ela deveria fazer um esforço e não desejar o que ela sempre desejava quando estava com saudades. Mas somente essa última vez, ela se permitiria. “Querido Deus,” [...] “Permita que voltemos para casa, por favor,” ela meio rezava e meio desejava¹⁵ (ALVAREZ, 1992, p. 150).

Esse questionamento reflete o sentimento de perda que se apodera da menina no exílio. A pergunta de Carla confirma claramente que a família perdera **tudo**, absolutamente tudo que, para ela, eles não possuem nos Estados Unidos, expressando, desse modo, o seu desejo de voltar para a ilha. Ao contrário de Yolanda, Carla expressa sua vontade logo no início do longo período no exílio, ainda criança; já sua irmã só conseguiu externalizar tamanho desejo, na sua volta à ilha, quase 30 anos mais tarde. Kristeva (1994, p. 17) explica que o estrangeiro “não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida”. É como se o passado tivesse sido marcado apenas por momentos felizes e tranquilos. O motivo da saída, as ameaças sofridas, as situações temerosas devido à perseguição do governo ditatorial, entre outras dificuldades, ficam como que apagados diante dos novos desafios. E os bons momentos no exílio também ficam relegados a um plano desprezável. Desse modo, a vontade de Carla alude a uma idéia de que a República Dominicana, mesmo com todos os problemas, parece ser melhor que os Estados Unidos. A ilha, para ela, apresenta-se como um lugar onde nada é uma ameaça, ou seja, um paraíso perdido que ela também gostaria de resgatar.

Edward Said (1994, p. 49) acrescenta que

O exílio, portanto, existe em um estado mediano, nem completamente sintonizado com o novo ambiente nem plenamente desvincilhado do

antigo, cercado de meios-envolvimentos e meios-desligamentos, nostálgico e sentimental por um lado, um mímico experiente ou um excluído secreto por outro.¹⁶

Portanto, vê-se que o exilado não tem um lugar que possa ser chamado de seu, não pertence a um local definido e único, o que o torna esse sujeito fronteiriço, fragmentado, já que seus valores, costumes e crenças dividem-no em sujeitos pré e pós-exílio. Devido à complexidade da mudança para o exílio, do dia-a-dia longe da terra natal e dessa busca constante, situação por excelência associada à condição do exilado, algumas perguntas pairam no ar: qual é a pátria dessas pessoas? Para onde e para quem elas estão sempre voltando?

No caso do romance de Alvarez, indicar a República Dominicana como resposta não resolve a questão, uma vez que o longo tempo fora do país de origem proporcionou à família García vivenciar muitas experiências positivas. O exílio, então, passa a ser um lugar de momentos e recordações alegres e, conseqüentemente, passa a ser também a sua pátria/casa. Tal constatação mais uma vez reforça que esses indivíduos são seres hifenados, situados em um entrelugar, que necessitam se situar e descobrir de fato quem são e a que lugar pertencem, como Yolanda, por exemplo, tenta fazer na sua visita à ilha.

É possível constatar, finalmente, que o texto não fornece uma solução definida e resoluta para essa busca, mas aponta para a possibilidade da negociação como também para a condição marginalizada do exilado. “A visão da fronteira possibilita-nos apreender a arbitrariedade suprema da própria fronteira, das separações e inferiorizações forçadas” (FLORES; YÚDICE, 1992, p. 84). Cabe aqui pensar que condição fronteiriça do exilado possibilita a percepção de sua própria condição em relação aos dois lugares aos quais ele se refere. Vale ressaltar, porém, que uma das características desse lugar fronteiriço é

exatamente a de ser um espaço onde sentimentos contraditórios e paradoxais se expõem. Embora tanto a República Dominicana quanto os Estados Unidos apresentem aspectos positivos e negativos e sejam sempre pensados em perspectiva, a percepção do exilado, nesse caso das irmãs García, está diretamente ligada aos acontecimentos e sentimentos que elas vivenciam em cada um deles. Daí o fato de o imigrante estar sempre voltando, sempre buscando, sempre desejando, e nunca encontrando uma resposta, um lugar, uma definição. Estar na fronteira diz respeito justamente a essa condição de estar entre dois espaços, duas situações, duas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Julia. *How the García Girls Lost their Accents*. New York: Plume, 1992.

_____. *Something to Declare*. New York: Plume, 1999.

FLORES, Juan; YÚDICE, George. Fronteiras vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Y Nosotras Latino Americanas? Estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.

GÓMEZ-VEGA, Ibis. Hating the self in the “other” or how Yolanda learns to see her own kind in Julia Alvarez’s *How the García Girls Lost their Accents*. *Intertexts*, v. 3, n. 1, p. 85-96, 1999.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Liv Sovik. (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LYONS, Bonnie; OLIVER, Bill. (Eds). *Passion and craft: conversations with notable writers*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1998.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures*. London: Vintage, 1994.

1 “[...] is constantly tempted to cast a lingering backward look to see what it is she has left behind”.

2 “I decided I didn’t want the traditional *Bildungsroman*, with time going forward and the character growing up. I wanted the reader to be thinking like an immigrant, forever going back”.

3 “She leans forward and shuts her eyes. There is so much she wants, it is hard to single out one wish. There have been too many stops on the road of the last twenty-nine years since her family left this island behind. She and her sisters have led such turbulent lives – so many husbands, homes, jobs, wrong turns among them. But look at her cousins, women with households and authority in their voices. Let this turn out to be my home”.

4 “[...] standing here in the quiet, she believes she has never felt at home in the States, never”.

5 “I can’t wait to eat some guavas”.

6 “There seems to be plenty [of fruit] here to eat – except for guavas”.

7 “No *dominicana* with a car would be out at this hour getting *guayabas*”.

8 “‘This is not the States,’ Tía Flor says, with a knowing smile. ‘A woman just doesn’t travel alone in this country. Especially these days.’”

⁹ Ao traduzir o termo *returning*, optei por usar apenas uma palavra para não perder o sentido original. Por “retornanda”, quero dizer “em processo de retorno” ou “constantemente voltando”.

10 “[...] the returning *dominicana* is breaking Dominican cultural mores by behaving like an *americana*, and this is where Yolanda’s displacement once again becomes evident”.

11 “Anywhere else, Yolanda would find him extremely attractive, but here on a lonely road, with the sky growing darker by seconds, his good looks seem dangerous, a lure to catch her off her guard”.

12 “The darker man narrows his eyes and studies Yolanda a moment. “¿Americana?” he asks her, as if not quite sure what to make of her.

She has been too frightened to carry out any strategy, but now a road is opening before her. She clasps her hands on her chest – she can feel her heart pounding – and nods. Then as if the admission itself loosens her tongue, she begins to speak, English, a few words, of apology at first, then a great flood of explanation [...]”.

13 “all things ‘American’ were better than anything Dominican”

14 “She is not only someone returning home from a long exile but she is also an upper class Dominican woman whose family money protects her from meeting the working poor of her country. To her, the working men are too different not to appear dangerous”.

15 “What do you wish for on the first celebration of the day you lost everything? [...] She should make an effort and not wish for what she always wished for in her homesickness. But just this last time, she would let herself. ‘Dear God,’ she began. [...] ‘Let us please go back home, please,’ she half prayed and half wished”.

16 “The exile therefore exists in a median state, neither completely at one with the new setting nor fully disencumbered of the old, beset with half-involvements and half-detachments, nostalgic and sentimental on one level, an adept mimic or a secret outcast on another”.